

AS SEMANAS NACIONAIS DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS (1962-1978)

ANA CLÁUDIA VICENTE *

O estudo que aqui se apresenta é um primeiro exercício no âmbito do projecto de investigação *Sociedade Missionária da Boa Nova – 75 Anos*, do qual derivou a comunicação apresentada ao Seminário de História Contemporânea promovido pelo Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, em Novembro de 2006. Com ele se pretende descrever uma das expressões concretas, e de alargado alcance, vividas por essa mesma sociedade: a Semana Nacional de Estudos Missionários. Intenta-se, também, a averiguação dos objectivos e impacte desta iniciativa, repetida quinze vezes ao longo de dezassete anos, a par da caracterização dos seus promotores, intervenientes e matérias trabalhadas.

1. A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas: origem e antecedentes

A única sociedade de vida apostólica ¹ de fundação portuguesa exclusivamente dedicada à actividade missionária *ad gentes* foi criada durante o papado de Pio XI, tomando a designação de Sociedade Portuguesa das Missões Católicas ². Estabelecida com base em iniciativas e estruturas

* Mestre em História Social Contemporânea. Membro do CEHR.

¹ Vide IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Código de Direito Canónico*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983, CC. 731-746. À data da sua criação estava sob os cc. 673-681 do Código de Direito Canónico de 1917 (IGREJA CATÓLICA. 1914-1922 (Benedicti XV) – *Codex Iuri Canonici. Romae: Typis Polyglottis Vaticanis*, 1918).

² Cf. IGREJA CATÓLICA, Papa 1922-1939 (Pio XI) – *Suavi Sane*. Trad. P. Aires

eclesiásticas preexistentes no país, nasceu por determinação e direito pontifícios, na dependência da Sacra Congregação de Propaganda Fide. O seu primeiro figurino constitucional, aprovado *ad experimentum* em 1930, teve lavra exclusiva do referido dicastério romano; desse *corpus* ressalta uma concepção relacional directa³ entre a Santa Sé e o instituto eclesiástico, fruto de uma perspectiva reformista da missão, bem como da ainda frágil relação entre aquela e Estado Português, estabilizada somente por via da Concordata e Acordo Missionário de 1940. O seu momento primeiro foi, poderá dizer-se, o do encontro e tensão entre um século de evolução da perspectiva missionária vaticana e um século de estase na formulação portuguesa da empresa evangélica.

Desde a década de trinta do século XIX que a situação das missões portuguesas foi objecto de controvérsia no âmbito da relação entre Igreja e Estado. Mormente quanto ao Padroado do Oriente, a leitura e posicionamento sobre tal situação ganhou contornos dialécticos, opondo liberais a ultramontanos. Estava em causa, para o Estado Português, a perda de uma vasta área de jurisdição político-religiosa, que os seus líderes consideravam inalienável por motivos históricos; para a Santa Sé, a falta de cumprimento dos deveres inerentes a esse privilégio e a premência de uma evangelização efectiva permitia equacionar a invalidade de tal padroado. Após a expulsão dos jesuítas, em 1759, e mais acentuadamente desde a extinção das ordens religiosas, em 1834, o tecido missionário desgastara-se e os conflitos verificados entre o clero português e os missionários da Propaganda Fide presentes nos vicariatos apostólicos agravaram-se.

Somente na segunda metade de oitocentos, num contexto de menor confrontação e de negociação concordatária – concluída em 1857 – os representantes políticos e religiosos lograram fazer convergir interesses comuns, reiterando nesse diploma a ancestral tese de interdependência

Augusto do Nascimento. [Arquivo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova] Roma: 24 de Outubro de 1932. Esta epístola solene, na ausência da formalidade jurídica tradicional à criação de um instituto desta natureza – um decreto canónico – é considerada o diploma fundacional da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas.

³ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas – *Constituições*. Roma: Tipografia Poliglota Vaticana, 1930. Parte II, p. 7, cap. 1, n.º 13. No capítulo dedicado à autoridade no governo da sociedade pode ler-se: «A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas conservará sempre como uma das suas maiores glórias o viver incondicionalmente unida ao Sumo Pontífice, com um devotado amor filial e uma profunda veneração. Todos os seus membros, portanto, devem distinguir-se por uma absoluta submissão e obediência a todas as determinações e até aos simples conselhos e direcções da Santa Sé».

entre missionação e controlo dos territórios não-europeus. Neste ambiente, propício à institucionalização de dinâmicas formativas confessionais, foi a 12 de Agosto de 1856 decretada pelo Visconde de Sá da Bandeira, ministro da Marinha e do Ultramar, a criação do Real Colégio das Missões em Cernache do Bonjardim. Este colégio, ocupando o antigo edifício do Seminário do Grão-Priorado do Crato (o qual havia laborado entre 1791 e 1834), foi concebido como um estabelecimento estatal dirigido eclesiasticamente com o fim de formar missionários para provimento das dioceses e missões do Real Padroado. Tal criação teve por precedente a iniciativa encetada doze anos antes por D. Veríssimo Monteiro Serra, bispo eleito de Pequim, no Bombarral e em Lisboa ⁴, à qual o Padre Luís Bernardino da Natividade, seu discípulo, dava agora sequência. Os seus alunos viriam a ser sacerdotes seculares sem vínculo associativo, que, a prazo e a expensas do erário público, trabalhariam nas missões, regressando posteriormente à metrópole com direito a aposentação.

Pelo menos desde a década de 80 do séc. XIX, começou a ser preconizada por parte de sacerdotes seculares formados em Cernache, entre os quais se destacaram o Padre António José Boavida (1838-1906) e D. António de Sousa Barroso (1854-1918), a criação de uma associação ou instituto missionário nacional. Vivia-se a época da promulgação do Acto Geral de Berlim (1885), síntese de posições das potências europeias com interesses em espaço africano – no qual ficou estabelecido o princípio da efectividade de ocupação dos territórios coloniais em detrimento dos direitos históricos –, pelo que a presença e actuação de todos agentes civilizacionais, incluindo os religiosos, foi alvo de renovado interesse e debate. Assim, vários clérigos portugueses com experiência e sensibilidade missionárias, cientes das fragilidades e desarticulações inerentes à instrução e organização desse múnus, desejavam reformá-lo à luz das novas circunstâncias eclesiológicas. Propostas nesse sentido foram debatidas em contexto parlamentar, constituindo-se comissões governamentais para o estudo a questão – em 1899 e 1908 – sem resultado efectivo.

⁴ Vide *A MISSÃO Portuguesa. Jornal Religioso*. Lisboa: Imprensa Francisco Xavier de Sousa. Nº 1 a 48 (Abril de 1854 a Setembro de 1856).

⁵ Cf. PEREIRA, Pedro Vaz – As Missões Laicas: Alguns Apontamentos: I. *Boletim do Clube Filatélico de Portugal*. 398 (Dezembro de 2002); As Missões Laicas: Alguns Apontamentos: II. *Boletim do Clube Filatélico de Portugal*. 399 (Março de 2003). Acessíveis em: <http://www.cfportugal.com/39819openclass01part01.htm>; <http://www.cfportugal.com/39906openclass02part01.htm>.

A instauração da República e a promulgação da Lei de Separação produziram um corte na dinâmica formativa estabelecida, proporcionando a emergência de uma outra: em 1911 foi encerrado o Real Colégio das Missões; ao longo dos meses seguintes, o causídico e deputado republicano Abílio Marçal (1867-1925), natural de Cernache do Bonjardim e antigo aluno do Colégio, representou formal e informalmente ⁵ junto dos seus correligionários, em particular Afonso Costa, o interesse de transformar o antigo estabelecimento de ensino religioso num instituto de formação de missionários laicos. No edifício cernachense funcionou, até 1917 ⁶, estabelecimento liceal ordinário, ano em se consagrou a reforma que deu origem ao Instituto de Missões Coloniais [IMC], também designado de Instituto das Missões Laicas. Este estabelecimento, dirigido até 1925 pelo próprio Abílio Marçal, ministrou o curso preparatório e complementar para formação de futuros funcionários públicos de ambos os sexos, destinados ao espaço ultramarino português. Daí partiram, de 1920 a 1925, seis missões civilizadoras ⁷.

Durante a segunda década de noventa, dado o quadro de oposição política às missões católicas, os projectos de criação de um instituto missionário nacional deixaram de constituir prioridade. Porém, logo no início da década de vinte, por iniciativa do ministro Alfredo Rodrigues Gaspar (1865-1938), verificou-se a promulgação de legislação favorável ⁸ ao reaparecimento da formação missionária secular. Esta ganhou, mercê das circunstâncias, estrutura polinuclear: depois de aberto o Colégio das Missões Religiosas dos Padres Seculares em Tomar ⁹, foi fundada dois anos mais tarde filial homónima em Cucujães. Nesse contexto, foi instituída a figura do Procurador-Geral das Missões dos Padres Seculares de Moçambique, e nomeado para o cargo D. João Evangelista de Lima Vidal (1874-1958), arcebispo de Mitilene e anterior bispo de Angola e Congo. Após o pronunciamento militar de 1926 e consequente alteração da conjuntura política, o IMC foi extinto ¹⁰, e em seu lugar inaugurado o Colégio das Missões dos Padres Seculares de Cernache do Bonjardim. Aos três colégios – por via da promulgação do Estatuto Orgânico das Missões ¹¹ – passava a ser

⁶ Vide DECRETO nº 3352. *Diário da República. I Série.* 154 (08-09-1917) 812-815.

⁷ Cf. *Boletim das Missões Civilizadoras.* Cernache do Bonjardim. 1-24 (1920-1925).

⁸ Vide DECRETO nº 6322. *Diário da República. I Série.* 1 (02-01-1920) 1-4.

⁹ Vide DECRETO nº 7600. *Diário da República. I Série.* 146 (20-07-1921) 145-146.

¹⁰ Vide DECRETO nº 12886. *Diário da República. I Série.* 288 (24-12-1926) 2341-2342.

¹¹ Vide DECRETO nº 12485. *Diário da República. I Série.* 228 (13-10-1926) 1537-1543.

reconhecida personalidade jurídica, e assegurada a subsistência. O seu primeiro Superior Geral foi D. Teotónio Vieira de Castro (1859-1940), bispo de São Tomé de Meliapor. A partir de tal estrutura, e após quatro anos de gestação, pôde ser criado o longamente projectado instituto missionário, sob direcção do já então arcebispo-bispo de Vila Real, D. João Evangelista de Lima Vidal. No seio deste instituto, e a partir do seu perfil e acção, iriam ocorrer algumas das mais interessantes reflexões missionológicas novecentistas.

2. A difusão das questões missionárias: 1940-1962

Por ocasião das comemorações centenárias portuguesas, dez anos após a iniciativa papal de criação de um instituto secular nacional dedicado às missões ultramarinas, Pio XII assinou a Carta Encíclica *Saeculo Exeunte Octavo*¹². Nela se destacava o papel do catolicismo na construção e expansão da nação lusa, e se propunha, para emulação da data celebrada e dado o reatar de relações entre o Estado Português e a Santa Sé, o incremento do espírito missionário português. Entre outras orientações, o Sumo Pontífice instava à dinamização da União Missionária do Clero [UMC], à organização de jornadas especiais de animação vocacional, e à difusão social alargada de conhecimentos sobre as missões¹³. Os membros da então designada Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas [SPMCU], apontada como objecto de especial esperança e cuidado pontifícios¹⁴ para desempenho de tal tarefa, demonstraram desde cedo na vida da instituição a preocupação de, em suplemento ao seu fim primeiro – a evangelização e o provimento de assistência religiosa aos territórios coloniais portugueses¹⁵ – dinamizar reflexões e estudos sobre o múnus missionário. A primeira década da sua existência foi sobretudo dedicada à difusão destas questões por via da imprensa, nomeadamente pelo *O Missionário Católico*, título periódico herdado dos Colégios das Missões (publicado desde 1924), pela revista de cultura *Volumus* (publicada desde 1949), e pelo mais abrangente e popular *Cruzada Missionária* (publicado desde 1932).

¹² Cf. IGREJA CATÓLICA. Papa, 1939-1958 (Pio XII) – *Saeculo Exeunte Octavo*. Cucujães: Editorial Missões, 1961.

¹³ Cf. *Ibidem*, nº 18-22.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, nº 32-33.

¹⁵ Cf. SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas – *Constituições*. Roma: Tipografia Poliglota Vaticana, 1930. Parte 1, p. 5, cap. 1, nº 2.

A organização de encontros e congressos, devedora das experiências católicas levadas a cabo na segunda metade de oitocentos e primeiros anos de novecentos ¹⁶, teve por primeiro impulso entre a SPMCU a criação do Círculo de Estudos Missionários, promovido desde 1948 pela Academia São João de Brito ¹⁷, com sede no seminário maior de Cucujães. Os próprios seminaristas foram autores de tal plataforma auto-formativa, especializada na reflexão e debate missionológicos; a partir desta visavam o estudo e divulgação da actividade missionária, privilegiando o contacto com os seminários diocesanos e, progressivamente, com grupos juvenis católicos. Eram promovidas reuniões mensais dedicadas ao estudo de figuras destacadas e de organismos de cooperação, ao aprofundamento da história e actualidade missionárias, e à sua fundamentação teológica e especificidade espiritual. Como órgão escrito da iniciativa surgiu, em 1949, a revista *Volumus*.

Desde 1950, foi promovida anualmente pela Academia de São João de Brito uma Semana de Missionologia. Cinco anos mais tarde, cindiu-se o círculo único nas vertentes de Teologia e Filosofia. Contactos estabelecidos nacional e internacionalmente com personalidades como o padre Alberto Perbal e Mons. Angel Sagarminaga, das Obras Missionárias Pontifícias de Espanha, levaram a esses encontros inúmeros testemunhos de missionários em actividade. Maturada a experiência do Círculo de Estudos, observadas iniciativas como o Congresso Missionário dos Seminaristas de Espanha (ocorrido em 1954, em Santiago de Compostela) e tendo por objectivo a crescente irradiação do espírito missionário, os Cursos Missionários de Férias foram a iniciativa sugerida pela Academia à UMC ¹⁸. O primeiro

¹⁶ Vide GOMES, J. Pinharanda – *Os Congressos Católicos em Portugal: subsídios para a História da Cultura Portuguesa Contemporânea*. Cascais: Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos, 1984. O autor faz remontar a 1840 o início da experiência católica de confronto nacional e internacional de ideias sob a forma de congressos católicos, considerando pioneira a Alemanha. Dominavam então o debate público o ultramontanismo vs. liberalismo, o pensamento social cristão, a crise do modernismo. A partir de 1871, a experiência gaulesa de organização de peregrinações eucarísticas internacionaliza o conceito. Em Portugal identifica-se um primeiro *Congresso Católico Internacional de Lisboa* em 1895. No entanto, foram de início as dioceses de Porto e Braga que mais contribuíram para esta dinâmica congregadora. Segundo o autor, a fase de maior vigor e expressão destas iniciativas ocorreu ente 1871 e 1940, após a qual se verificou um processo de sectorialização das mesmas.

¹⁷ Vide AFONSO, Manuel Castro – Círculos Missionários: Academia de São João de Brito: Cucujães. *Igreja e Missão*. 4 (1961) 326-328. A Academia de São João de Brito havia sido fundada nesse mesmo ano de 1948.

¹⁸ Vide Arquivo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova. Ofício s/ref., P. João

destes cursos, realizado com o apoio da referida academia e exclusivamente dirigido a seminaristas diocesanos e clérigos seculares, decorreu em Agosto de 1955, em Cucujães, foi presidido pelo então bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Resende (1906-1967), e saudado¹⁹ pelo subsecretário de Estado da Santa Sé. Durante os anos seguintes, a Academia de São João de Brito colaborou com aquela associação na realização de cursos no Porto (1956), Coimbra (1958) e Fátima (1957, 1961). A base de contactos e actividades realizadas, a par do conhecimento das acções de cooperação congénere fora do país, permitiram a difusão das questões missionárias a uma escala mais alargada, envolvendo em primeira instância as camadas juvenis da Acção Católica Portuguesa [ACP]. Reflexo desse fenómeno foi a progressiva sofisticação da revista *Volumus*: de simples meio de comunicação com grupos dedicados à missionologia, existentes em seminários, colégios e estabelecimentos de ensino superior, foi ganhando um público mais vasto; teve entre os seus primeiros colaboradores internacionais os teólogos Olegario Dominguez, Charles Couturier e Maurice Villain. Em consequência, a publicação passou no primeiro ano da década seguinte a ser dirigida pelos docentes do seminário de Cucujães, sendo rebaptizada *Igreja e Missão*.

Paralelamente, foram surgindo no âmbito académico iniciativas dedicadas ao estudo da Missionologia, como o Ciclo de Estudos Missionários Ultramarinos, em Coimbra (1959), organizado pelo Centro Académico de Democracia Cristã [CADC], e o qual contou com a presença personalidades que viriam a intervir recorrentemente na Semana Nacional de Estudos Missionários, como o padre Eurico Dias Nogueira (1923-), futuro bispo ultramarino; Maria de Lourdes Pintasilgo (1930-2004), engenheira química e destacado membro do laicado católico, ex-presidente da Juventude Católica Feminina, da Pax Romana, e uma das fundadoras do movimento Graal em Portugal; o padre Albano Mendes Pedro (1915-1989), membro da SPMCU e consultor do Ministério do Ultramar; e Adriano Moreira (1922-), professor da Escola Superior do Ultramar e futuro ministro do

Craveiro Viegas a Mons. Domenico Tardini [Relatório de Actividades da Sociedade Missionária à Santa Sé, referente a 1955]. Caixa de Correspondência entre a Direcção e a Santa Sé, 1945-1961, datado de 3 de Janeiro de 1956.

¹⁹ Vide Arquivo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova. Ofício N° 572/56, Mons. Domenico Tardini ao P. João Craveiro Viegas [Resposta da Secretaria de Estado de Sua Santidade ao Relatório do Superior Geral sobre as actividades da Sociedade Missionária à Santa Sé, referente a 1955]. Caixa de Correspondência entre a Direcção e a Santa Sé, 1945-1961, datado de 23 de Janeiro de 1956.

Ultramar. Ocorreram também os Dias de Estudo Missionários (1960), em Lisboa e no Porto, com Manuel Lourenço, padre Celestino Belo e, mais uma vez o padre Mendes Pedro. Destacou-se ainda a Semana Universitária de Estudos Missionários, também em Coimbra (1961), promovida pelo CADC e pela Liga Académica Missionária, com a presença do padre António Brásio, de Adriano Moreira, de frei Manuel Barbosa Freitas, e de Paulo Cunha.

3. Do estudo missionológico ao debate eclesiológico: as Semanas Nacionais de Estudos Missionários (1962-1978)

Em 1961, por ocasião do envio à Santa Sé do relatório anual de actividades da SPMCU, o seu Superior Geral, padre Manuel Fernandes (1916-2007), informava estar em avançada preparação uma semana de estudos missionários, prevendo a presença de vários bispos e pelo menos duas centenas de participantes. Segundo aquele, pretendiam os seus promotores que o evento levasse “todos os católicos portugueses a um maior conhecimento das suas responsabilidades missionárias e a colaborar mais activamente na obra de evangelização do mundo infiel”²⁰. A primeira edição daquela que foi já considerada²¹ a mais sistemática obra de reflexão sobre a sociologia, a teologia e a pastoral missionárias levada a efeito em Portugal, foi institucionalmente apoiada pelas Obras Missionárias Pontifícias²² (na qual se encontrava integrada desde 1956 a UMC). Demorar-nos-emos, pois, um pouco mais sobre aquela que foi a matriz das seguintes catorze edições.

O primeiro anúncio público²³ do evento, em página inteira, apresenta-o como parte da agenda de encontros promovidos pela revista *Igreja e*

²⁰ Vide Arquivo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, Offício s/ref, P. Manuel Fernandes a Mons. António Samoré [Relatório do Superior Geral à Santa Sé sobre as actividades da Sociedade Missionária, referente a 1961]. Caixa de Correspondência entre a Direcção e a Santa Sé 1962-1977, datado de 6 de Maio de 1962.

²¹ CF. GOMES – *Os Congressos Católicos em Portugal*, p. 145-146.

²² A Direcção Nacional das Obras Missionárias Pontifícias estava à data a cargo do antigo Superior Geral da Sociedade (1940-1949), D. Manuel Ferreira da Silva.

²³ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – *Igreja e Missão*. 5 (1962) 40. Encima a página a seguinte citação da Carta Encíclica *Fidei Donum* (de Pio XII, publicada em 1957): “*O espírito católico e o espírito missionário são uma só e a mesma coisa*”. Em rodapé pode também ler-se a informação de que o Curso Missionário de Férias, dedicado a seminaristas, seria enquadrado na iniciativa.

Missão, e detalha o seu programa ²⁴. Intitulada *O Concílio Ecuménico e a Evangelização do Mundo*, a iniciativa foi claramente ao encontro do convite constante na Constituição Apostólica *Humanae Salutis*, de 25 de Dezembro de 1961, na qual o Papa João XXIII solicitava a todos os cristãos oração, participação e acompanhamento do Concílio Ecuménico, anunciado pela primeira vez em 25 de Janeiro de 1959 e solenemente convocado na referida constituição ²⁵. Segundo esse mesmo anúncio, destinava-se a dita iniciativa – a decorrer entre 17 e 21 de Setembro, no colégio Nun’Álvares, em Tomar – “a todo o público culto: sacerdotes, seminaristas, religiosas e leigos”. O desafio à participação foi reiterado em edições seguintes da *Igreja e Missão*, destacando-se o editorial de Abril-Junho:

«Portugal não quer ficar alheio ao Concílio. Exigem-no a sua vocação cristã, o seu lugar na história da Igreja, as suas inalienáveis responsabilidades na evangelização do mundo de hoje. Alguns organismos da Acção Católica organizaram já um encontro sobre o Concílio. É na mesma linha de pensamento, e numa dimensão que se desejaria ainda mais ampla, que se integram os Encontros Igreja e Missão, a realizar na cidade de TOMAR, de 17 a 21 de Setembro. Primeira de uma série de SEMANAS DE ESTUDOS MISSIONÁRIOS, que se realizarão anualmente, querem os organizadores que a deste ano defina com nitidez uma perspectiva fundamental desta iniciativa, que se espera marque um passo decisivo na renovação missionária de Portugal. (...) No momento em que o concílio polariza todas as atenções do mundo católico, O Concílio e a Evangelização do Mundo é sem dúvida o tema que pela sua actualidade e o seu sentido universal melhor poderá sublinhar a orientação essencialmente eclesiológica e universal que se quis imprimir aos Encontros Igreja e Missão (...).» ²⁶

²⁴ Vide *Ibidem*. Dia 18, Manhã: *Missão da Igreja e Concílio Ecuménico; Concílio Ecuménico e crises do nosso tempo*; Tarde: *Sentido missionário na educação da juventude; Espírito missionário na formação sacerdotal*. Dia 19, Manhã: *Missão e Concílio Ecuménico; Unidade dos cristãos e sua dimensão missionária*; Tarde – *O Ultramar português e a Igreja na hora presente*. Dia 20, Manhã: *Teologia do Laicado e Concílio Ecuménico; Laicado Missionário e Cristianização do Mundo*; Tarde – Livre. Dia 21, Manhã – *Paróquia célula da Igreja e Concílio Ecuménico; Espírito missionário e recuperação cristã*; Tarde – *O clero e a evangelização do Ultramar; Cooperação de leigos na evangelização do Ultramar*; Encerramento – *Renovação Missionária em Portugal*.

²⁵ Cf. IGREJA CATÓLICA – Constituição Apostólica “*Humanae Salutis*”. In *O Concílio Ecuménico Vaticano II. Pastoral Colectiva do Episcopado Português*. Vol. 3. Lisboa: Moraes Editores, 1962. Pontos 20 e 21.

²⁶ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – Vós, os que

O padre Manuel Marques Gonçalves ²⁷, jovem sacerdote e secretário da primeira Semana Nacional, esclarecia na mesma edição a sua natureza:

«Não é um congresso, nem um encontro de discussões que anunciamos, mas uns dias de reflexão sincera e aberta. Queremos meditar, dar conta da nossa vocação cristã no mundo. E fazemo-lo em conjunto, em encontro, para que a reflexão, partida de dentro, se robusteça e se torne mais activa ao contacto com a reflexão dos outros, e para que os outros nos incitem à meditação, com o choque da sua reflexão.» ²⁸

Adiante, elencava os objectivos específicos a atingir: difusão da mentalidade cristã; preparação para as mutações eclesiais decorrentes do processo conciliar; reflexão sobre a situação crítica vivida no Ultramar Português. Reforçando a iniciativa, a Santa Sé comunicou ²⁹ a sua aprovação pela temática escolhida e concedeu bênção apostólica aos organizadores e participantes.

A I Semana fez-se de lições gerais, colóquios especializados para leigos e sacerdotes, e momentos de oração como, para além da missa matinal na Igreja de São João Baptista, a velada litúrgica em Santa Maria dos Olivais. O balanço efectuado pelos seus promotores era globalmente positivo: haviam participado 400 clérigos, religiosos e leigos, houvera difusão na imprensa nacional ³⁰, e procedia-se à publicação de conclusões, votos ³¹

vedes, que fizestes à Luz?. *Igreja e Missão*. 6 (1962) 86. O título do editorial é citação da obra *Le Père Humilié* (1919), de Paul Claudel.

²⁷ Cf. SANTOS, Januário Aniceto dos – I Semana Nacional de Estudos Missionários. *O Missionário Católico*. Série III. 31 (1962) 12-14. Para além do P. Manuel Marques Gonçalves, secretário executivo, a Comissão Central da I Semana era também composta pelo P. José Valente (Reitor do Seminário de Cucujães) e pelo P. Agostinho Rodrigues (então delegado aos Círculos Missionários dos Seminários). Em edições seguintes, a equipa organizadora passou a coincidir quase totalmente com a da revista *Igreja e Missão*. Tanto o secretário executivo das Semanas quanto o director da revista, o P. Manuel Trindade, haviam regressado recentemente de Roma, onde tinha efectuado estudos superiores.

²⁸ Cf. O Concílio Ecuménico e a Evangelização do Mundo. *Ibidem*, p. 146-148.

²⁹ Vide Arquivo Geral da Sociedade Missionária da Boa Nova, Ofício N° 85720, Cardeal Cicognani ao P. Manuel Fernandes. Caixa de Correspondência entre a Direcção e a Santa Sé 1962-1977, datado de 11 de Julho de 1962.

³⁰ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – A Semana Continua. *Igreja e Missão*. 8 (1962) p. 243-244.

³¹ Cf. GONÇALVES, Manuel Marques – Conclusões e Votos da I Semana Nacional de Estudos Missionários. *Ibidem*, p. 312-316.

e conferências num volume de actas ³². Dos testemunhos recolhidos ³³ pela SPMCU, daí em diante abreviadamente conhecida por Sociedade Missionária Portuguesa [SMP], constavam impressões não apenas do clero, mas também de leigos destacados, como a engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo e Manuel Tavares da Silva. Foi recorrente a referência ao orador principal, padre Charles Couturier, eminente jesuíta, colaborador da *Igreja e Missão* e, por meio das suas várias comunicações aos *semanistas*, difusor da teologia em análise conciliar, sobretudo das suas vertentes missionária e laical. Um dos aspectos abertamente notados e lamentados ³⁴ foi a ausência de bispos metropolitanos no evento (apenas o bispo de Portalegre e Castelo Branco, D. Agostinho Lopes de Moura, esteve presente à missa inaugural, presidida pelo Núncio Apostólico, Mons. Maximilien von Fürstenberg), facto de difícil interpretação, dada a multiplicidade de factores que o poderá ter motivado, avultando o da delicadeza político-militar da situação angolana. Entre as múltiplas comunicações se destacaram as dos padres Albano Mendes Pedro e Agostinho Rodrigues (1931-1991), da SMP, do padre António Marcelino (1931-), futuro bispo de Aveiro, e do padre António da Silva Rego (1905-1986), docente e especialista em estudos ultramarinos e missionologia, centradas na relação entre clero, leigos e as missões, e similarmente marcadas pela Carta Encíclica *Fidei Donum* (1957) na sua crítica ao fechamento do cristianismo europeu e apelo a uma efectiva solidariedade eclesial para a evangelização universal ³⁵. D. Manuel Nunes Gabriel (1912-1996), bispo de Malanje e futuro sucessor do também presente D. Moisés Alves Pinho (1883-1980) à frente do arcebispado de Luanda, proferiu a também aguardada “*Renovação Missionária na Hora do Ultramar. O Ultramar português e a Igreja na hora presente*”, apontando as difíceis condições vividas para a educação dos povos indígenas.

Nas conclusões da I Semana é acentuada a importância do espírito de unidade e de apostolicidade. Nos votos expressos propôs-se a criação de um Secretariado Nacional Missionário, a constituir por uma Comissão

³² Vide AAVV – *A Evangelização do Mundo na Hora do Concílio Ecuménico: lições da I Semana Nacional de Estudos Missionários*. Cucujães: Editorial Missões, 1963. Col. Igreja e Missão, 2.

³³ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – I Semana Nacional de Estudos Missionários. *O Missionário Católico*. Série III. 33 (1962), p. 4-7; 23.

³⁴ Cf. *Ibidem*, p. 8-23.

³⁵ Cf. *Ibidem*, p. 5.

saída do próprio evento; a promoção de um Ano Missionário em Portugal; a formação missionária entre o público infantil e juvenil por via dos meios de comunicação social; a aplicação de uma pastoral moderna nas dioceses da África portuguesa; a intensificação do acolhimento dos estudantes ultramarinos em território metropolitano; e, por fim, a repetição anual da Semana Nacional.

Até à edificação do novo Seminário Maior da SMP, designado da Boa Nova, em Valadares, e inaugurado no ano lectivo de 1967-1968, as edições da Semana Nacional de Estudos Missionários tiveram lugar em diferentes pontos do país ³⁶, procurando abordar áreas temáticas ³⁷ igualmente diferenciadas, por essa via intentando ampliar o entendimento eclesial do conceito de missão. No ano de 1963, os seus organizadores pretenderam motivar o público mais jovem: sob o mote *Juventude e Missão da Igreja*, marcaram em Coimbra presença oradores como o padre A. M. Henry, o padre Honorato Rosa (1920-1968), o padre Eurico Nogueira, D. Custódio Alvim Pereira (1915-2006), recém-nomeado arcebispo de Lourenço Marques, D. Sebastião Soares de Resende, e a engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo. À escolha de tal local e temática de reflexão não seriam seguramente alheios os acontecimentos do ano anterior, com epicentro na contestação académica pela autonomia universitária. Foi nessa semana abordada a pastoral e espírito missionários do cristão futuro. Nesse sentido, o padre Manuel Marques Gonçalves retomou ³⁸ as palavras do Papa Pio XII, proferidas em 1958, identificando o espírito de missão com a vitalidade e juventude da própria Igreja Católica; o apelo fazia-se, pois, à participação dos mais novos na renovação do cristianismo e do país. Em clave mais inequívoca se podia ler, n' *O Missionário Católico*:

«Só uma vivificação cristã, à base do Evangelho, pode dar um sentido pacífico ao esforço económico e político que vimos louvavelmente realizando no Ultramar. Nesta tarefa primária e indispensável de darmos com urgência uma alma cristã às nossas Províncias Ultramarinas, todos nós portugueses temos responsabilidades graves que nem sempre temos satisfeito. A maior parte das populações do nosso Ultramar

³⁶ Vide, infra, *Anexo 1. Locais, temas e datas das Semanas Nacionais de Estudos Missionários*.

³⁷ Com excepção da edição de 1966, integralmente dedicada ao balanço das implicações missionológicas do II Concílio Vaticano, terminado no ano anterior.

³⁸ Cf. GONÇALVES, Manuel Marques – *Juventude e Missão da Igreja*. II Semana Nacional de Estudos Missionários. *Igreja e Missão*. 9 (1963) 3-4.

seria hoje, sem dúvida, cristã se o clero e os leigos do nosso tempo sentissem profundamente o mandato da Missão como os portugueses dos descobrimentos. Temos que escolher de novo a missão.»³⁹

Tratava-se também de, a partir de um conceito de missão em mutação⁴⁰, constatar a insuficiência do esforço evangelizador nos territórios ultramarinos.

Contou a II Semana com aproximadamente 600 participantes. A presença do Cardeal Patriarca e de vários membros do episcopado metropolitana, para além do ultramarino, consolidou a iniciativa. Foi também nesta edição introduzido um novo elemento cultural, a Marcha da Missão, daí em diante tornada a actividade de encerramento desses dias. Após o fecho da semana, o recém-ordenado padre Aires Nascimento (1939-) estabeleceu uma interessante reflexão comparativa entre esta e outras semanas de estudos dedicadas às missões⁴¹. Nela faz remontar a 1930, em Lovaina, a primeira das iniciativas anuais congêneres, referindo também, entre outras, a de Burgos, então na décima sexta edição, e a de Milão, na quarta. Considerava que, de forma geral, se padecia ainda em termos formais das características dos antigos congressos católicos, nada se solicitando aos participantes. Apontava porém, a lenta mutação para o modelo de mesa-redonda, bem como a progressiva exploração de temas menos etnológicos e de maior interioridade. À semana coimbrã apontava de menos positivo o carácter generalista presente em algumas comunicações, destacando a qualidade das do padre Henry, do padre Honorato Rosa e de Maria de Lourdes Pintasilgo. Sublinhava, ainda, a carência de testemunhos directos da missão, salientando a premente necessidade de encontro entre missionários

³⁹ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – II Semana Nacional de Estudos Missionários. *O Missionário Católico*. Série III. 40 (1963) 5.

⁴⁰ Apud FONTES, Paulo F. de Oliveira – A Acção Católica Portuguesa e a problemática missionária (1940-1974). In *CONGRESSO Internacional de História: Missionaçã e Encontro de Culturas: actas*. Vol. I. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 1993. p. 427-428. A emergência de uma nova perspectiva sobre a actividade missionária é detectável pela comparação discursiva entre diferentes intervenientes católicos. Paulo Fontes ilustra este facto recorrendo às declarações de Albano Mendes Pedro e Maria de Lourdes Pintasilgo em entrevista à revista *Novellae Olivarum* (nas quais é transmitida, respectivamente, uma concepção de missão nacional-católica, diversa de uma outra, elaborada no quadro da universalidade cristã). Essa mesma mutação é, também, verificável pela leitura de diferentes comunicações e transcrições de debates ocorridos nas Semanas Nacionais.

⁴¹ NASCIMENTO, Aires Augusto – As Semanas de Estudos Missionários. *Igreja e Missão*. 12 (1963) 57-59.

e missionólogos. As semanas ibéricas, tipologizava-as como mais voltadas para a resposta pessoal à missão, por contraste com as de Lovaina e Milão, mais viradas para o entendimento do espaço missionado. Dado o elevado número de participantes no evento português, aludia à necessidade de uma maior estruturação do movimento de reflexão missionário interno, já expressa nos votos da edição anterior.

A III e a IV Semana Nacional de Estudos Missionários realizaram-se no Porto, e versaram a relação entre a pastoral paroquial e as missões, e a relação entre o laicado e as missões, respectivamente. Cada uma contou com mais de 400 participantes, maioritariamente jovens, divididos pela primeira vez em pequenas equipas de trabalho na edição de 1964⁴². Nesta, a reflexão sobre a paróquia como comunidade de fé e célula-base evangélica contou com as comunicações de Mons. Angel Sagarminaga, Teresa Santa Clara Gomes (1936-1996), co-fundadora do movimento Graal em Portugal, Joaquim Teixeira Duarte e António Pacheco. Segundo o então padre Rui Martins, caminhava-se para a especialização temática, nesses dias de trabalho. Nas conclusões e votos⁴³ desse ano, os *semanistas* expressavam a necessidade de integrar a paróquia no movimento de renovação conciliar, apontando a catequese bíblica, a vivacidade litúrgica e a relação com a cristandade ultramarina como prioridades; por sua vez, o catecumenato, a formação doutrinal, a animação vocacional, a criação de uma universidade católica e de uma comissão nacional litúrgica, bem como a expansão paroquial das Obras Missionárias Pontifícias, eram tidos como meios preferenciais de acção.

Na Semana Nacional de 1965 destacou-se a presença de frei Boaventura Kloppenburg (1919-), teólogo conciliar e director da Revista Eclesiástica Brasileira. Também foram oradores, entre outros, D. Manuel Faria Ferreira da Silva (1888-1974), arcebispo de Cízico e segundo Superior Geral da SMP, e Maria de Lourdes Pintasilgo; estiveram presentes em palestras especiais D. Alberto Cosme do Amaral (1916-2005), bispo auxiliar do Porto, e o sacerdote (e futuro cardeal) António Ribeiro (1928-1998)⁴⁴. Já abordada pontualmente em edições anteriores, a dedicação exclusiva de tal semana

⁴² Cf. MARTINS, Rui – III Semana de Estudos Missionários. *Igreja e Missão*. 15 (1964) 348-350.

⁴³ Cf. IDEM – Conclusões e Votos da III Semana de Estudos Missionários. *O Missionário Católico*. Série III. 15 (1964) 348-350.

⁴⁴ Vide SOCIEDADE Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas – IV Semana de Estudos Missionários. *Igreja e Missão*. 19 (1965) 398-400.

à teologia e pastoral missionárias aplicadas ao laicado revela, por parte da SMP, a percepção do interesse que o mesmo laicado – ainda que não maioritário em termos presenciais ⁴⁵ – dedicava às renovações introduzidas pelo Concílio Ecuménico Vaticano II, o qual à data da IV Semana estava próximo do seu termo. A valorização da vocação leiga-cristã, do seu empenhamento apostólico nas tarefas temporais, perpassa os testemunhos do evento.

O reconhecimento da SMP como tradutora e difusora da dinâmica conciliar vinha-se estabelecendo desde 1962, não apenas por via desta sua iniciativa anual como pela publicação dos vários números especiais da revista *Igreja e Missão*, exclusivamente dedicados às diversas sessões e debates conciliares. Na V Semana Nacional, decorrida em Aveiro, foi feita a síntese desse processo de acompanhamento aos trabalhos do Concílio Ecuménico, com especial atenção para o Decreto Missionário *Ad Gentes* ⁴⁶. Ouviram-se comunicações de D. Pedro Sanmartín, do padre António Silva, Mons. José Labandibar (1909-1997), do Instituto Espanhol São Francisco Xavier para as Missões Estrangeiras, do franciscano David de Azevedo, e do dominicano Joseph le Guillou (1920-1990). A deste ⁴⁷ renomado missionólogo, dedicada à relação entre a actividade missionária específica e o mundo actual, profundamente plural, bem como a de frei David de Azevedo ⁴⁸, debruçando-se sobre o papel do testemunho nas missões, destacaram-se no curso desses dias. Contando mais uma vez com a presença do Núncio Apostólico, bem como com a do bispo da diocese anfitriã, testemunhou uma quebra na presença leiga, tendo totalizado pouco mais de 300 participantes.

Coincidindo com a celebração do 50º ano das aparições marianas na Cova da Iria, a VI Semana Nacional de Estudos Missionários reuniu em Fátima. Esta edição pode hoje ser considerada o termo de um ciclo de reflexão missionológica, selado pela interrupção ocorrida no ano 1968. Devotada ao tema *Tensão Missionária da Vocação*, teve por orador principal o padre André Liégé (1921-1978); nela intervieram também, entre outros, o missionário padre Hipólito Rotuli, o dominicano frei Bento

⁴⁵ Cf. *Ibidem*, p. 400. A estatística constante apresenta, para cerca de 400 participantes, 127 leigos, aproximadamente 130 seminaristas, 87 sacerdotes e 50 religiosas.

⁴⁶ Vide NASCIMENTO, Aires Augusto – V Semana de Estudos Missionários. *Igreja e Missão*. 23 (1966) 431-433.

⁴⁷ LE GUILLOU, M. Joseph – Missão e Missões. *Igreja e Missão*. 27 (1967) 699-712.

⁴⁸ AZEVEDO, David de – Dinâmica Missionária e Testemunho. *Igreja e Missão*. 26 (1967) 613-626.

Domingues, o padre Bartolomeu Rekker e as leigas Maria Manuela Silva e Maria Joana Lopes, graduadas em Ciências Económicas e Filosóficas, respectivamente. O padre Aires Nascimento, habitual cronista da iniciativa, manifestou ⁴⁹ sobre as circunstâncias desse ano uma visão bastante crítica, dada a sobreposição da iniciativa da SMP com as Semanas Missionárias para Professores e os Dias da Pastoral Missionária. A multiplicidade de iniciativas dedicadas às missões revelava, de facto, falta de articulação entre diferentes institutos e organismos eclesiais, pelo que a direcção da Semana, no seu encerramento, legou ao episcopado português a organização de eventuais futuras edições. Quanto ao curso dos trabalhos, e dada a surpresa ⁵⁰ que terá causado o tema, foi feita de antemão, pela primeira vez, a orientação bibliográfica dos participantes, e designados líderes de grupos de trabalho. A perspectiva bíblica, a antropológica e a filosófica confluíram para a discussão da complementaridade ou do choque entre os diferentes papéis eclesiais e realidades culturais em que se implantara e estava implantando a Igreja Católica.

Retomou-se em 1969 a Semana Nacional de Estudos Missionários, na sua sétima edição, desta feita e de então em diante em casa do próprio instituto missionário, em Valadares. Após a sua II Assembleia-Geral, reunida no Verão de 1968 com o fim de operar a reformulação pós-conciliar da sua natureza e objectivos, a SMP dinamizou reflexão sobre o tema *A Missão na Cidade dos Homens* ⁵¹. Num contexto de reelaboração do conceito de missão, de atenção sobre as novas igrejas e o movimento ecuménico, e de secularização, esteve presente D. António Ferreira Gomes (1906-1989), recém-regressado de uma década de exílio, e foram oradores Mons. Albert Dondeyne (1901-1985), teólogo e académico de Lovaina, bem como o padre Alfredo Alves (1914-1992), à data Superior Geral da SMP, o padre Manuel Marques Gonçalves, o P. Valdemar Alves Pinto, e os leigos Maria Teresinha Tavares, do movimento Graal, e o engenheiro Sidónio de Freitas Branco Pais (1925-2006), à data secretário-geral da Junta Central da ACP. Tratou-se, pois, da primeira edição de uma nova fase de reflexão, já não estritamente missiológica, mas eclesiológica e, até, sociológica. Em início do consulado marcelista, a análise das mutações em curso na sociedade portuguesa – perceptível no acento tónico dado nas Conclusões e Votos ao

⁴⁹ Vide NASCIMENTO, Aires Augusto – Semanas Missionárias: a Mais ou a Menos. *Igreja e Missão*. 27 (1967) 741-746. Esta crónica inclui entrevista com o P. A Liègé.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, p. 743.

⁵¹ Vide TRINDADE, Manuel – A Missão na Cidade dos Homens, Hoje. *Igreja e Missão*. 37 (1969) 131-132; A Missão num Mundo Secularizado. *Igreja e Missão*. 38 (1969) 319-320.

subdesenvolvimento económico das populações ultramarinas, e às responsabilidades político-governamentais metropolitanas – reflecte uma predisposição interpelativa e dialogante. A própria vertente informal e convivial do evento ⁵² traduz essa postura.

Já tocada na edição anterior, a temática *Fé e Contestação* foi o centro da VIII Semana. Mais uma vez esteve presente o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, desta feita também na qualidade de orador. Comunicaram igualmente o teólogo dominicano francês Yves Congar (1904-1995), e o então padre Luís Moita, pela primeira vez, bem como frei Bento Domingues, e Teresa Santa Clara Gomes, presentes em anteriores anos. Partindo da leitura da Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, o padre Anselmo Borges ⁵³, importante animador dos trabalhos *semanistas* da nova década, acentuou a importância da leitura dos acontecimentos presentes para o curso das jornadas de 1970.

Temática e Semana terão causado comoção social – nomeadamente nos sectores conservadores católicos – e alarde mediático ⁵⁴, ainda que, segundo o director da revista *Igreja e Missão*, padre Manuel Trindade (1932-1995), tal tivesse ido ao arripio das intenções previamente expressas e do carisma do encontro anual. O mesmo sacerdote anui apenas, em auto-crítica, à limitação da dimensão de reflexão missionológica desses dias, por comparação com a reflexão eclesiológica e social. Porém, numa leitura de conjunto dos trabalhos e debates publicados na sequência dessa e das seguintes sete edições, a guerra ultramarina, a pressão internacional no sentido do encetamento de um processo de descolonização, e a crescente crítica ao regime político instituído não são elididos. Na VIII Semana foi de forma pioneira introduzido o figurino de uma tarde de mesa-redonda, aberta e plural, subordinada ao tema *Crise da Fé, Hoje*. Contou a dita tarde com a presença de D. António Ferreira Gomes, do padre António Teixeira Fernandes, do filologista Óscar Lopes (1917-), dos pastores metodistas Albert Aspey (1911-1998) e Ireneu Cunha da Silva, de Maria Luísa Brito, e dos moderadores padres Agostinho Rodrigues e Anselmo Borges (1944-) ⁵⁵.

⁵² Cf. NASCIMENTO, Aires Augusto – A VIII Semana de Estudos Missionários. Crónica. Síntese. Reflexão. *Igreja e Missão*. 38 (1969) 345-358. Foi projectada a longa-metragem “A Palavra”, de Karl Dreyer, e assistiu-se a actuações do grupo musical “Intróito” e de José Barata-Moura, à data colaborador da revista *Boa Nova*, nova formulação do anterior *O Missionário Católico*.

⁵³ BORGES, Anselmo – Fé e Contestação. *Igreja e Missão*. 43 (1970) 215-217.

⁵⁴ TRINDADE, Manuel – Fé e Contestação. *Igreja e Missão*. 47-49 (1971) 1-6.

⁵⁵ Cf. SOCIEDADE Missionária Portuguesa – Crise de Fé, Hoje. *Ibidem*, p. 100-158.

As edições acontecidas entre 1971 e 1973 ⁵⁶, concebidas como trilogia de estudos por referência às virtudes teológicas ⁵⁷, trouxeram de novo a Portugal teólogos de relevo internacional, como os jesuítas Karl Rahner (1904-1984) e Charles Couturier. A repercussão mediática destas edições continuou acentuada, ainda que não pela reflexão sobre questões fundamentais para a Igreja pós-conciliar como a concepção e trabalho nas comunidades eclesiais de base, exposta em 1972 pelo missionário e teólogo francês radicado no Brasil, Domingos Barbé, dos Irmãozinhos de Jesus, antes pelas aspirações e leituras sociopolíticas que o espaço de reflexão promovido pela SMP proporcionou nos seus participantes e observadores. A este propósito, e à guisa de comemoração da primeira década da iniciativa anual da SMP, assim se pode ler na nota de abertura pelo padre Agostinho Rodrigues:

«Desde 1962, as Semanas de Estudos Missionários têm-se caracterizado por um intenso clima de família, de simplicidade, de convívio fraterno. Têm sido dias marcados pela oração, em que a vida litúrgica tem sido fortemente participada, dias marcados pela reflexão, pelo estudo, pela tomada de consciência dos problemas da Igreja, que se nos afiguram particularmente importantes, e dos problemas especificamente missionários. Sentirmo-nos-emos felizes se as Semanas de Estudos Missionários assim continuarem.» ⁵⁸

Para além do bispo do Porto, registou-se no ano de 1972 a presença do padre José da Cruz Policarpo (1945-), futuro cardeal patriarca, o qual fez uma alocução sobre “Sinais dos Tempos e Comunidade”.

A XI Semana Nacional de Estudos Missionários, acolhendo atipicamente menos de cem participantes, recebeu de novo, na qualidade de orador principal, o teólogo frei Boaventura Kloppenburg, contando igualmente com Maurice Villain, com o pastor luterano Henry Bruston (1904-1975), o jornalista Raul Rego (1913-2002), e Suleiman Valy Mamede (1932-) ⁵⁹,

Os trabalhos da mesa-redonda encontram-se aqui transliterados pela redacção da revista, a partir de fita magnética.

⁵⁶ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Igreja e Missão*. 54-56 (1971); e *Igreja e Missão*. 59-61 (1972).

⁵⁷ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Contestação, Esperança e Comunidade*. *Igreja e Missão*. 54-56 (1971) 7-8.

⁵⁸ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Igreja e Missão*. 59-61 (1972) 9.

⁵⁹ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Igreja e Missão*. 65-67 (1974).

primeiro presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa. A edição foi integralmente dedicada ao estudo e debate do movimento ecumênico cristão e da inter-confessionalidade, num tom prospectivo.

No ano seguinte, marcado pelo golpe militar de 25 de Abril e pelo início de um processo político novo, de cariz revolucionário, o programa da Semana, estabelecido de antemão ⁶⁰, não deixou de ar azo à análise, agora expressa, da circunstância social e política do momento. Mas foi sobretudo a antevisão do IV Sínodo Episcopal, dedicado à evangelização, agendado para os dias de 28 de Setembro e 26 de Outubro de 1974, a par da necessária análise da natureza e circunstâncias do trabalho missionário da SMP no quadro de instabilidade provocado pela mudança de regime e a incerteza do curso de acontecimentos na realidade africana ⁶¹, que interpelaram os participantes. Nesta edição não pôde estar presente, como previsto, o biblista espanhol José Maria González Ruíz (1916-2005), orador principal, substituindo-o frei Bento Domingues; esteve também presente o padre Joseph Comblin (1923-) ⁶², teólogo e missionário belga radicado no Brasil.

Celebrada num ambiente político adverso, à qual se sucederia um ano de interrupção, a XIII Semana Nacional de Estudos Missionários incidiu sobre o tema *Igreja, Cultura e Revolução*, ocupando-se da relação entre o marxismo e cristianismo, da natureza das utopias políticas, e do ateísmo radical. As comunicações de D. António Ferreira Gomes, e D. Manuel Vieira Pinto (1923-), bispo de Nampula – regressado à sua diocese após meses de afastamento forçado pelo anterior regime, motivado pela publicação da carta “Imperativo de Consciência”, assinada por vários sacerdotes e datada de Março de 1974 –, constantes em número da *Igreja e Missão* ⁶³, afirmam a importância do testemunho cristão num cenário de secularização e anti-religiosidade.

As duas últimas Semanas Nacionais de Estudos Missionários, ocorridas nos anos de 1977 e 1978, contaram com cerca de uma centena de *semanistas*. Estas tomaram a forma de eventos depoimentais pontuados por alocuções, e dedicaram-se ao estudo da educação religiosa e desafios

⁶⁰ Vide TRINDADE, Manuel – Evangelho e Libertação. *Igreja e Missão*. 70 (1974) 469-474.

⁶¹ A qual havia sido central para a III Assembleia Geral da SMP, ocorrida algumas semanas antes.

⁶² Vide SANTOS, Francisco dos – Na Verdade a Libertação. *Igreja e Missão*. 72 (1975) 85-88.

⁶³ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Igreja e Missão*. 75-76 (1975).

eclesiais num novo Portugal ⁶⁴. Entre os teólogos presentes destacou-se Paul Tihon, jesuíta belga, na XV Semana, bem como, na XIV Semana, o salesiano Herman Lombaerts, teólogo de Lovaina, e o sociólogo argentino Aldo J. Buntig. Arnaldo de Pinho (1942-), D. Eurico Dias Nogueira, o recém-nomeado bispo de Setúbal, D. Manuel Martins (1927-), o padre Jardim Gonçalves, assistente da Juventude Operária Católica, e as leigas Manuela Silva e Agustina Bessa-Luís (1922-), contribuíram também para estas semanas. Na última edição foram ouvidas vozes de leigos como Joaquim Organista, pescador, e Vitorino Moreira, estudante.

Como havia acontecido no termo da semana de estudos de 1967, a direcção da iniciativa depôs nas mãos da Comissão Episcopal das Missões a organização de futuros eventos. Apenas em 1981, por vontade das Obras Missionárias Pontifícias e da Comissão das Missões dos Institutos Missionários (e contando com a colaboração da SMP), semelhante iniciativa anual – denominada Semana Missionária Nacional – foi encetada ⁶⁵.

3. Considerações finais

A partir da experiência auto-formativa levada a cabo por um grupo de estudantes do Seminário Maior de Cucujães, os missionários seculares portugueses foram paulatina e programadamente tecendo uma rede internacional de contactos dedicada ao estudo das missões: entre outros, avultaram teólogos e missionólogos envolvidos nos trabalhos do II Concílio Vaticano; bispos e sacerdotes das dioceses africanas e sul-americanas; laicado da ACP, do movimento Graal, e de mais grupos. Na década de 70, as Semanas assumiram-se como palco de reflexão aberta à restante sociedade, indelevelmente marcada pelo contexto de ruptura entre o marcelismo e o processo de democratização do país. Nesses anos se dirimiu no seu seio o que Nuno Silva Gonçalves designou de “crise do conceito de missão sob o signo da portugalidade” ⁶⁶, e foram difundas propostas para

⁶⁴ Vide SOCIEDADE Missionária Portuguesa – *Igreja e Missão*. 88 (1977); 93-94 (1978).

⁶⁵ AFONSO, Manuel Castro – *Igreja e Missão e Semanas Missionárias*. In IDEM – *Missionários da Boa Nova: 75 Anos de Memória: 1930-2005*. Cucujães: Fundação Missões Boa Nova, 2007, p. 495.

⁶⁶ GONÇALVES, Nuno Silva – *A Dimensão Missionária do Catolicismo Português*. In *HISTÓRIA Religiosa de Portugal*. Vol. III: *Religião e Secularização*. Dir. Carlos Moreira de Azevedo. Coord. Manuel Clemente e António Matos Ferreira. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002, p. 391.

uma eclesialidade universalista. Estas traduziram a experiência dos seus intervenientes em diálogo com a doutrina expressa no Decreto Conciliar Missionário *Ad Gentes* e na constituição dogmática *Lumen Gentium*: a Missão passou a ser concebida como parte da natureza da própria Igreja, instrumento de salvação dotado de dimensão sacramental. A Exortação Apostólica pós-Sinodal *Evangelii Nuntiandi*, publicada na sequência do IV Sínodo dos Bispos, exactamente dez anos após o fim do Concílio, teve sobretudo impacte nas duas últimas Semanas Nacionais, ao consagrar a ampliação do conceito de missão para além da evangelização *ad gentes*, apresentando-a como responsabilidade de todos os crentes. À época dessas últimas edições, a Sociedade Missionária da Boa Nova operava o desafio do primeiro anúncio e da consolidação das igrejas locais por meio de diferentes métodos de inculturação.

Assim, as Semanas Nacionais de Estudos Missionários constituíram não apenas, como havia sido seu objectivo inicial, uma oportunidade de aprofundamento das questões estritamente missionárias, mas também um espaço privilegiado de acompanhamento e abertura a importantes mudanças sociais ocorridas a longo de quase duas décadas. Anualmente, diferentes sensibilidades aí puderam ser difundidas, gerando uma dinâmica de participação eclesial de grande relevância no seio do catolicismo português.

Anexo 1 - Locais, temas e datas das Semanas Nacionais de Estudos Missionários

Obras Missionárias Pontifícias / Sociedade Missionária Portuguesa Semanas Nacionais de Estudos Missionários			
I	Tomar	<i>O Concílio Ecuménico e a Evangelização do Mundo</i>	17/21-09-1962
II	Coimbra	<i>Juventude e Missão da Igreja</i>	26/31-8-1963
III	Porto	<i>Pastoral Paroquial e Missões</i>	31.08/4.09-1964
IV	Porto	<i>Os Leigos e as Missões</i>	5/10-09-1965
V	Aveiro	<i>A Missão à Luz do Concílio</i>	18/23-09-1966
VI	Fátima	<i>Tensão Missionária da Vocação</i>	3/8-09-1967
VII	Valadares	<i>A Missão na Cidade dos Homens</i>	14/19-09-1969
VIII	Valadares	<i>Fé e Contestação</i>	20/25-09-1970
IX	Valadares	<i>Missão e Esperança dos Homens</i>	19/24-09-1971
X	Valadares	<i>Missão e Comunidades</i>	10/15-09-1972
XI	Valadares	<i>Igreja e Unidade dos Homens</i>	10/14-09-1973
XII	Valadares	<i>Evangelização e Libertação</i>	8/13-09-1974
XIII	Valadares	<i>Igreja, Cultura e Revolução</i>	7/12-09-1975
XIV	Valadares	<i>Educação da Fé no Mundo Contemporâneo.</i>	7/12/08-1977
XV	Valadares	<i>Desafio dos Tempos Novos à Igreja de Portugal</i>	6/11-08-1978